



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v. 15, n. 28, p. 69-82, 2023
DOI: 10.35520/mulemba.2023.v15n28a56708

Artigos Livres

Breves reflexões sobre a construção de saberes na literatura de autoria feminina senegalesa: o caso da educação da mulher em Mariama Bâ e Fatou Diome

Brief reflections on the construction of knowledge in literature by female authors in senegal: the case of women's education in Mariama Bâ e Fatou Diome

Breves reflexiones sobre la construcción del conocimiento en literatura por autoras en senegal: el caso de la educación de la mujer en Mariama Bâ e Fatou Diome

Editoras-chefe

Carmen Lucia Tindó Secco
Vanessa Ribeiro Teixeira

Editores convidados

Andrea Cristina Muraro
Gabriel Chagas
Luciana Brandão Leal
Marlon Augusto Barbosa

Autor correspondente

Rodrigo Nunes de Souza
nunnes-rodriigo@hotmail.com

Recebido: 31/01/2023

Aceito: 11/06/2023

Como citar:

SOUZA, Rodrigo Nunes de; PINHEIRO, Vanessa Neves Rimbau. Breves reflexões sobre a construção de saberes na literatura de autoria feminina senegalesa: o caso da educação da mulher em Mariama Bâ e Fatou Diome. *Revista Mulemba*, v. 15, n. 28, p. 69-82, 2023. doi: <https://doi.org/10.35520/mulemba.2023.v15n28a56708>

Rodrigo Nunes de Souza 

Vanessa Neves Rimbau Pinheiro 

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil

E-mail: nunnes-rodriigo@hotmail.com

E-mail: vanessariambau@gmail.com

Resumo

A produção literária de autoria feminina no Senegal, de acordo com Samb (2017), apresenta um caráter atual, visto que tais textos datam dos anos 1970. Considerada uma das pioneiras em escrever e denunciar a condição feminina em seu país, Mariama Bâ (1929-1981), com seu romance *Une si longue lettre* (1979), é considerado um precursor em apresentar tradições culturais, como a poligamia, afetam os direitos das mulheres.

Além disso, a autora também inova ao denunciar o pouco acesso feminino à escola, denunciando como a educação não era acessível a esse público. Aproximando-se de Bâ, temos, na contemporaneidade, Fatou Diome (1968-) que apresenta, em suas obras, características semelhantes, pois, ao apresentar sua realidade no país colonizador, denuncia como o racismo é um dos fatores para que a França não seja vista como uma “terra prometida”, como se pode observar em *O Ventre do Atlântico* (2003), sua estreia como romancista. Disto isto, este trabalho apresenta como as autoras citadas são vistas como dois expoentes da literatura de autoria feminina senegalesa, bem como destacar as temáticas levantadas em seus romances de estreia, levando em consideração o grande destaque que eles possuem, a exemplo da questão da educação da mulher. Ressalta-se, também, o caráter autobiográfico de suas obras e a como a escrita destas mulheres (e de África, no geral) contribuem para se perceber a condição feminina no Senegal.

Palavras-chave

autoria feminina, Mariama Bâ, Fatou Diome, autobiografia, condição feminina.

Abstract

The literary production of female authorship in Senegal, according to Samb (2017), presents a current character, since such texts date back to the 1970s. Considered one of the pioneers in writing and denouncing the female condition in her country, Mariama Bâ (1929-1981), with her novel *Une si longue lettre* (1979), is considered a precursor in presenting cultural traditions, such as polygamy, affect women's rights. In addition, the author also innovates by denouncing the little access of women to school, denouncing how education was not accessible to this public. Approaching Bâ, we have, in contemporary times, Fatou Diome (1968-) who presents, in her works, similar characteristics, because, by presenting her reality in the colonizing country, she denounces how racism is one of the factors for France not to be seen as a “promised land”, as can be observed in *The Atlantic Womb* (2003), her debut as a novelist. Therefore, this paper presents how the authors cited are seen as two exponents of Senegalese women's literature, as well as highlighting the themes raised in their debut novels, taking into account the great prominence they have, such as the issue of women's education. We also emphasize the autobiographical character of their works and how the writing of these women (and of Africa, in general) contributes to understand the female condition in Senegal.

Keywords

female authorship, Mariama Bâ, Fatou Diome, autobiography, female condition.

Resumen

La producción literaria de autoría femenina en Senegal, según Samb (2017), presenta un carácter actual, ya que dichos textos se remontan a la década de 1970. Considerada una de las pioneras en escribir y denunciar la condición femenina en su país, Mariama Bâ (1929-1981), con su novela *Une si longue lettre* (1979), es considerada precursora al presentar tradiciones culturales, como la poligamia, afectan a los derechos de la mujer. Además, la autora también innova al denunciar el poco acceso de las mujeres a la escuela, denunciando cómo la educación no era accesible a este público. Acercándonos a Bâ, tenemos, en la época contemporánea, a Fatou Diome (1968-) que presenta, en sus obras, características similares, ya que, al presentar su realidad en el país colonizador, denuncia cómo el racismo es uno de los factores para que Francia no sea vista como una "tierra prometida", como se puede ver en *El vientre atlántico* (2003), su debut como novelista. Por lo tanto, este trabajo presenta cómo las autoras citadas son vistas como dos exponentes de la literatura femenina senegalesa, además de destacar los temas planteados en sus novelas de debut, teniendo en cuenta el gran protagonismo que tienen, por ejemplo, el tema de la educación de las mujeres. Se destaca, asimismo, el carácter autobiográfico de sus obras y cómo la escritura de estas mujeres (y de África, en general) contribuye a comprender la condición femenina en Senegal.

Palabras clave

autoría femenina, Mariama Bâ, Fatou Diome, autobiografía, feminidad.

Introdução

Um direito básico: educação. Uma ida dolorosa: à escola. A literatura produzida por mulheres, em contexto de África, problematiza as situações que lhes são impostas socialmente, destacando como a opressão atua e as restringe de direitos básicos, como a educação. Essas mulheres-escritoras indagam o porquê de pertencerem a um espaço em que, na questão educacional, direcionam seus corpos ao lar, ao casamento, às tradições culturais e outros aspectos que, muitas vezes, como os citados anteriormente, lhes colocam fora dos muros das escolas.

O direito às questões que se relacionam as diferenças vem sendo fortemente discutidas por envolver casos que, atualmente, mostra-se imprescindível para a formação cultural da sociedade. Ressalta-se que o fator humano, tanto na perspectiva de quem se engaja quanto de quem busca aprender, destaca os grupos que envolvem a nova posição no eixo escolar, mostrando o que se deve levar em consideração nos meios

que trazem as novas condições para suas relações sociais, subjetivas, de convivências – a luta por direitos iguais.

Considerado um continente de contradições profundas, a África assume-se como um misto de povos e culturas. Sua escrita literária torna-se testemunha da evolução social, o que é visto com complexidade. Por isso, a importância de uma literatura voltada para as questões sociais, o que incluiu elementos essenciais para que o texto literário alcance as denúncias que se propõe a fazer, tais como a intertextualidade, o dialogismo, a problematização da identidade africana a partir de vozes europeias e sul-americanas. Isso trouxe uma consciência dos direitos dos africanos, corroborando os anseios que passaram a agitar toda a África, tendo as escritoras a coragem para destacar as angústias que o sistema dominante as impunha na sociedade.

Em África, o número de escritoras que problematizam a dicotomia Educação x Mulher passa a ganhar contornos significativos, como o direito de frequentar à escola e seguir uma educação tida como acadêmica, o que leva essas escritoras, em sua maioria, se tornar professoras e se engajarem para que o ambiente escolar se torne um direito para que mulheres possam frequentar e, conseqüentemente, romperem com a tradição de voltaram-se apenas para o espaço doméstico. A título de exemplos, pode-se citar nomes, dos mais diferentes países africanos, como: Lília Momplé (Moçambique), Paulina Chiziane (Moçambique), Ahdaf Soueif (Egito), Fatema Mernissi (Marrocos), Assia Djebar (Argélia), Léonora Miano (Camarões), Nadifa Mohamed (Somália), Maaza Mengiste (Etiópia), Buchi Emecheta (Nigéria), Vera Duarte (Cabo Verde), Scholastique Mukasonga (Ruanda), Mariama Bâ (Senegal), Fatou Diome (Senegal), entre outras.

Como se observa, é importante reiterar que a literatura produzida por mulheres, em contexto de África, problematiza as situações que lhes são impostas socialmente, destacando como a opressão atua e as restringe de direitos básicos, como a educação. Esta questão, ainda hoje, é um dos assuntos mais recorrentes em textos de autoria feminina, visto que, por muito tempo, o acesso às mulheres ao ambiente escolar era bastante aquém, pois, socialmente, esse espaço não era visto como de fundamental importância para o público feminino – a título de exemplo, mesmo não pertencendo ao contexto de África, a garota paquistanesa Malala Yousafzai (2013) teve sua vida posta em risco por lutar pelo direito de ir à escola. O que corrobora a importância de se discutir as dificuldades e as lutas dessas meninas/mulheres a ter acesso a uma educação justa, igualitária e sem restrições para que possam frequentar a escola.

Na literatura, essa discussão se faz presente por meio de personagens que, quase sempre, são baseadas nas próprias experiências vividas pelas escritoras que fazem parte da seguinte pesquisa, por isso atribuiu-se o termo “escritoras-personagens”: direta ou indiretamente, essas personagens acabam sendo uma extensão dos problemas

enfrentados pelas autoras, dando ênfase, aqui, à questão educacional. Para isso, destaca-se escritoras que fazem parte da África que possui ligações com a cultura árabe, como o Senegal, pois, diante da questão levantada nesta pesquisa (a luta por uma educação que não seja aquela voltada para o lar e a família ou aquela que apenas respeite as tradições culturais impostas – como a poligamia e a mutilação genital), estas “mulheres-escritoras-personagens” assumem um papel de extrema importância para a inserção de suas semelhantes à escola, tornando-se representantes do feminismo nos respectivos países que habita(ra)m. Dito isto, são focos da pesquisa as escritoras Mariama Bâ e Fatou Diome – mulheres que ousaram e fizeram de suas obras ferramentas pela luta à educação e uma sociedade mais justa, pois, segundo hooks (2019, p. 139), “a educação para o povo negro era difícil de conseguir, era luta, era necessária – um jeito de ser livre”.

Diante da contextualização exposta, o seguinte artigo possui, como principal motivação, ressaltar a importância de Mariama Bâ e Fatou Diome como “escritoras-personagens” ao discutir, em suas obras, principalmente, o tema da Educação feminina. Apesar de ser considerado um direito universal, pode-se afirmar que, ao trazer o assunto para uma pesquisa acadêmica, o projeto traz uma influência discursiva mútua entre o papel engajador das autoras e a sociedade senegalesa. Isso aprofunda a compreensão do papel da mulher na luta pelos seus direitos e ressignificar seus conhecimentos enquanto escritoras que, além das obras publicadas, relativiza esses conhecimentos, como o acesso à escola, a luta contra a poligamia, a opressão e, no caso de Fatou Diome, especificamente, a denúncia do racismo ao mudar-se para a França – através da literatura e dos movimentos sociais que Mariama Bâ, por exemplo, participou.

Em tempos em que as mulheres alcançaram novos patamares, graças aos movimentos feministas, discutir essa temática funciona como uma forma de ressaltar o protagonismo feminino, as mudanças que suas lutas trouxeram e vê-se que, em Mariama Bâ e Fatou Diome, construiu-se uma sociedade, apesar das dificuldades que ainda persistem, como a tradição da poligamia, mais madura e menos opressora, para as mulheres, no que tange ao acesso à escola.

Subalternas que falam: Mariama Bâ e Fatou Diome na tradição literária senegalesa

A produção de autoria feminina, no Senegal, segue um panorama de nuances que demarcam suas lutas por um espaço mais significativo na sociedade. É a partir dessa produção, vista como tardia, que escritoras passaram a lutar por um lugar na literatura, dando ênfase aos dilemas que enfrentam, tendo temas como o casamento forçado, a poligamia, a opressão, a falta de acesso à educação como focos de suas obras.

Quando a voz dessas mulheres emerge, por meio da escrita, inicia-se, também, um processo de conhecimento e abertura de espaços, antes pouco frequentados por mulheres. Outro fator crucial para a visibilidade de escritoras é a imprensa, através de jornais e revistas que viabilizam poemas, contos, crônicas, textos de protesto, fazendo com que as tidas “subalternas”, como se refere Spivak (2010) em seu ensaio *Pode o subalterno falar?*, realmente manifestassem as urgências em se discutir os seus lugares na sociedade.

Ainda de acordo com a pesquisadora indiana, o sujeito subalterno não tem história contundente para contar e, conseqüentemente, não pode falar. Spivak ainda ressalta que “o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (2010, p. 85). O que faz com que se reflita sobre o papel das mulheres na produção literária do Senegal.

É durante do século XX que essas mulheres passam a engajar-se na escrita e passam a utilizar a literatura como uma ferramenta de denúncia de situações que a condicionam, muitas vezes, aos temas que serão trabalhados mais fortemente em suas obras. Temas como discriminação contra mulheres, tanto na esfera doméstica quanto a nível social, passaram a ser vistos como assuntos essenciais nas produções de autoria feminina. No caso do Senegal, foco desse projeto, essa “efervescência” literária, por parte de mulheres, começa a ganhar notoriedade a partir dos anos 1970, o que, para críticos, como Milolo Kembe (1986), representa um surgimento tardio, ligados a esferas familiares, religiosas e culturais. Em relação a essas esferas, a temática da Educação se faz presente, visto que, para uma menina frequentar a escola, havia pouco engajamento político e quase nenhuma autorização familiar, tendo em questão aspectos ligados à tradição, por exemplo.

É aqui que entra a importância da literatura na luta por direitos básicos, como os ligados à Educação. Dentro da esfera familiar, principalmente para os mais velhos e os homens, uma mulher deveria, apenas, estar ligada a atividades do lar, recendo uma educação que reproduz os ensinamentos dos antepassados, como cuidar da casa, do marido, dos filhos e aceitar outros tipos de imposição, como a poligamia. Por essa razão, a escrita vai assumir um papel crucial na quebra do silêncio e das condições que são ensinadas, desde crianças, a seguir. É através dessa produção literária, principalmente de romances, muitas vezes de caráter autobiográfico, que as mulheres-escritoras resolvem quebrar o silêncio e lutar por direitos iguais. De acordo com Duarte (2011, p. 79):

Essa escrita, orientada pela necessidade de dizer, é plena de paixão que revela o compromisso com a história dos países onde nasceram. A urgência de dar voz e vez à literatura africana, de presentear o leitor e com a elucidação das questões cruciais que permeiam o mundo africano, ao tempo em que apresenta o espetáculo artístico e humano dessas dicções, diz da situação da mulher africana historicamente ligada à transmissão de valores culturais como hospitalidade, respeito aos mais velhos rituais, usos e costumes. Além do canto e da literatura oral.

É a quebra dessa “transmissão de valores” que leva escritoras, como Mariama Bâ (1929-1981), considerada uma das primeiras mulheres a agir ativamente pelos direitos da mulher em seu país, que o papel da escrita assume uma importância significativa para a visibilidade de mulheres-escritoras no Senegal. Segundo Fatime Samb (2017), Mariama Bâ é precursora para uma produção literária de resistência e de uma sensibilidade intensa, fazendo com que seu romance de estreia, *Une si longue lettre*, de 1979, torne-se uma das obras mais importantes e referenciais no continente africano.

Fora Bâ, ainda de acordo com Samb (2017), o impacto da obra, que denuncia a opressão feminina e a prática da poligamia, entre outros assuntos, como a falta de mulheres na escola, fez surgir outros nomes, como o de Fatou Diome (1968-). Escritora que passa a escrever sob um viés diaspórico, já que se muda para a França ainda adolescente, a fim de concluir seus estudos, publica, em 2003, o romance *O Ventre do Atlântico*, que causa impacto, assim como a obra de estreia de Mariama Bâ. Em seu romance, Diome denuncia as agruras de uma migrante em um país de predominância branca e discute a problemática do racismo, utilizando-se da ironia, do humor e do resgate às tradições, problematizando-as, que fizeram parte da vida de Salie, protagonista da obra.

Como mulheres negras, as autoras quebram um silêncio e impõem-se como protagonistas dos lugares e temáticas que abordam em suas obras. Por isso, levando em consideração a problemática levantada por Grada Kilomba (2019), retornando ao quem pode falar, de Spivak (2010), o papel de Mariama Bâ e Fatou Diome, não apenas como escritoras, mas também como intelectuais, já que se tornaram professoras e passaram a lutar pelo direito à educação de meninas senegalesas, “[...] a teoria está sempre em algum lugar e é sempre escrita por alguém” (Kilomba, 2019, p. 58). Escrita essa ligada, muitas vezes, baseada em situações vivenciadas pelas próprias autoras. Aproximando-se, portanto, da autobiografia.

Escritoras-personagens de si mesmas: “romances autobiográficos” e a questão da educação escolar feminina no Senegal

Ao trazerem para suas obras experiências vividas, Mariama Bâ e Fatou Diome assumem, aqui como neologismo para essa experiência, o papel de “escritoras-personagens”, visto que, em seus romances de estreia, há experiências vividas pelas autoras, como a poligamia, o racismo e o acesso à escola.

De cunho epistolar, *Une si longue lettre* traz como foco a poligamia, porém outras temáticas são abordadas ao longo da carta em que a protagonista escreve. O livro ganha uma proporção inimaginável, já que ele, ao ser publicado, rapidamente torna-se espelho para a luta das mulheres na sociedade senegalesa, fato este que transforma a autora em uma das pioneiras do feminismo no país. A própria Fatou Diome, em entrevista ao jornal francês *Le Monde*, revela que, aos 13 anos, teve, como leitura obrigatória o romance de estreia de Mariama Bâ:

Ecrire était une nécessité. Il me fallait comprendre pourquoi, par exemple, telle tante me câline devant mes grands-parents puis me traite de “bâtarde” en leur absence. L’écriture s’est imposée à l’âge de 13 ans, lorsque j’ai quitté le village pour poursuivre mes études en ville. Pour combler ma solitude, je noircissais des cahiers. Une fois, j’ai même réécrit *Une si longue lettre* de Mariama Bâ. Dans ma version vitaminée, les femmes n’étaient plus victimes de leur sort, mais bien plus combatives. J’aime celles qui dansent avec leur destin, sans renoncer à lui imposer leur tempo¹ (Diome apud Moi, 2019, n.p.).

Diome não foi a única. Vera Duarte, de Cabo Verde, na crônica “Dar a volta por cima”, de 1982, revela que, na rua, encontrou uma mulher e esta passa a lhe contar sobre a violência que passou a sofrer do marido. Então, ao associar o relato às suas experiências enquanto jurista e leitora, aconselhou a mulher a divorciar-se, lembrando-se do romance de Mariama Bâ:

¹ Tradução livre: “Escrever era uma necessidade. Tive que entender por que, por exemplo, essa tia me abraça na frente dos meus avós e depois me chama de ‘bastardo’ na ausência deles. A escrita começou aos 13 anos, quando deixei a aldeia para continuar meus estudos na cidade. Para preencher minha solidão, enegreci cadernos. Certa vez, até reescrevi *Uma tão longa carta* de Mariama Bâ. Em minha versão vitaminada, as mulheres não eram mais vítimas de seu destino, mas muito mais combativas. Gosto de quem dança com o seu destino, sem abrir mão do ritmo.”

Veio-me à memória, por inconsciente associação de ideias, o extraordinário romance da senegalesa Mariama Bâ, *Une se longe lettre* (sic), um poema da primeira à última página, que fala de uma situação idêntica à vivida pela minha interlocutora. Convenço-me de que o desfecho também é parecido com o que lhe aconselho. Por muito que lhe custe, só lhe fica como solução de vida a separação completa, total, de pessoas, bens e recordações. Divórcio. Ela fecha o olho, inconscientemente recusando esta única saída possível (Duarte, 2013, p. 61).

Ambos os exemplos são para ilustrar a dimensão que a obra de Mariama Bâ atingiu em África. Esse impacto tornou-se significativo no mundo feminino: contribuiu com a conscientização das mulheres em relação ao silêncio que são condicionadas, evidenciando o quanto precisam quebrar barreiras que as impedem de ascender socialmente. Com *Une si longue lettre*, “a autora consumou a vontade de dar voz àquelas que tiveram, até então, unicamente direito ao silêncio” (Samb, 2017, p. 91).

Criada em um ambiente conservador, Mariama Bâ leva suas experiências de silenciamento para o romance. Através de uma longa carta, como já se prenuncia no título, a personagem principal, de nome Ramatoulaye, dirige-se à Aïssatou, que teve coragem de separar-se em casamento polígamo, revelando as angústias de viver em um ambiente que a hostiliza, seguindo o ritual da viuvez, as desavenças com as outras esposas, as imposições da família e a dificuldade de frequentar a escola. Ainda, na tão longa carta, Ramatoulaye enaltece a coragem da amiga em fugir das tradições e seguir sua própria vida.

Pierre Bordieu e Jean-Claude Passeron (2014), destacam que a ideia de “reprodução”, presente no livro *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*, o foco recai sobre como sistemas patriarcais são reproduzidos, impedindo, assim, que meninas frequentem a escola, já que a elas são repassadas uma educação mais voltada para o seio doméstico. Isso se contrapõe ao engajamento sócio-político-literário de Mariama Bâ e Fatou Diome, que passam a atuar pelos direitos das mulheres no Senegal e em contexto de diáspora.

Os autores destacam que a escola produz ilusões cujos efeitos estão distantes de ser ilusórios. Ao relacionar-se com as questões levantadas pelas autoras, vê-se que a falta de acesso de meninas à escola converge para a neutralidade de uma sociedade demarcada pelo patriarcalismo – este que é o principal ponto a ser combatido por Mariama Bâ e Fatou Diome. Bordieu e Passeron ainda destacam que, ao se reproduzir hábitos que tendem a alimentar uma cultura dominante, fazendo com que se tenha uma produção contínua das relações de força na sociedade – no caso da sociedade senegalesa, além do patriarcado, há a luta e o questionamento das autoras contra as imposições tradicionais da cultura local, como a poligamia, o pouco

acesso à educação, a falta de representação feminina em poderes públicos, violência de gênero, entre outros.

As experiências narradas no romance aproximam-se das próprias vividas pela autora. Seu pai, Amadou Bâ, contrariando a tradição, matricula a filha em uma escola e, com o passar do tempo, Mariama torna-se professora – motivo que a leva a lutar pela educação das meninas no Senegal e, também, a agir contra quaisquer opressões que silenciasses as mulheres. De acordo com Fatime Samb (2017), pesquisadora da obra da autora, tanto nessa obra de estreia quanto no romance seguinte, *Un chant écarlate*² (1981), publicado postumamente, Mariama Bâ descreve modelos de famílias patriarcais ou que revelam como as diferenças de culturas afetam a vida das mulheres, principalmente, que são relegadas ao silenciamento, quanto às problemáticas inter-raciais, que é o foco do seu segundo romance, sem esquecer as questões que envolvem as tradições culturais impostas às mulheres, como a poligamia.

Mais contemporânea, Fatou Diome estreia na literatura com um livro de novelas, chamado *La Préférence Nationale*³ (2001). São histórias curtas, que retratam o cotidiano da mulher senegalesa, sendo a temática da educação feminina o fio condutor da maioria das novelas. Como já mencionado, em 2003, a autora atinge grande expressão ao publicar *O Ventre do Atlântico*, seu romance de estreia, abordando as questões em torno do racismo e dos conflitos migratórios ocasionados, também, pela questão da xenofobia. Esses temas passaram a fazer parte não só dos seus escritos, mas também das entrevistas, palestras e conferências das quais participa.

No romance, Salie, protagonista-narradora da obra, revela as angústias que sente ao receber telefonemas de seu irmão Madické. Este, nutrindo um sonho de ser jogador de futebol, passa a achar que, na França, terá essa oportunidade. Por isso, insiste em que Salie facilite sua ida para a “terra prometida”, o que acaba se tornando uma grande problemática no romance, pois Salie não deseja que o irmão passe pelas mesmas situações discriminatórias que sofreu.

Esse aspecto é presente com bastante intensidade nas falas da personagem. Baseando-se nas próprias experiências vividas ao migrar para a França, Fatou Diome

² Ambos os romances de Mariama Bâ ainda não foram traduzidos para o português. Todas as traduções futuras são de responsabilidade dos autores. Para este artigo, são utilizadas as edições publicadas no Senegal pela editora NEAS. Os dados biográficos da autora são de responsabilidade da pesquisadora Fatime Samb, cuja tese foi sobre Mariama Bâ e Paulina Chiziane, além da biografia que o pesquisador possui, escrita N'diaye, filha da autora, sob o título *Mariama Bâ ou les allés d'un destine*.

³ Essa obra, assim como o romance *Kétala*, não possuem publicação no Brasil. Porém, a segunda, encontra-se traduzida para o português, com circulação em Portugal pela Editora Europress. *O Ventre do Atlântico* foi publicado, no Brasil, pela Editora Malê (Diome, 2019). Mas, para esse artigo, utiliza-se a publicação portuguesa, pela Editora Bizâncio (Diome, 2004). Em 2022, a mesma editora publica um novo romance da autora: *Os vigias de Sangomar*.

aproxima-se do autobiográfico ao unir as experiências franco-senegalesas com as personagens de *O Ventre do Atlântico*. Franco-senegalesas porque a autora rememora, através de sua protagonista, os obstáculos também vividos em seu país de origem, como a dificuldade de frequentar a escola e ter uma educação formalizada. Este, inclusive, é o principal motivo que leva a “escritora-personagem” a abordar essa temática na obra em questão e no seu romance seguinte *Kétala* (2006).

De acordo com a professora e pesquisadora Zuleide Duarte, em um artigo que analisa o aspecto diaspórico do romance, há um enfoque de Fatou Diome em ser uma voz em favor dos desvalidos, por isso a preocupação de Salie em relação ao desejo do irmão de ir para a França. Também destaca que, a partir das recepções muitas vezes racistas pelos outros países diante de pessoas de origem africana, “as intervenções de Fatou Diome viralizaram nas redes sociais e vêm ensejando reflexões sobre a acolhida desses refugiados em outros cantos do mundo” (Duarte, 2017, p. 65).

Como *O Ventre do Atlântico* destaca as discussões sobre as consequências das ondas migratórias e a recepção destas em países cujo acolhimento nem sempre é cordial, como a experiência vivida tanto pela própria Fatou quanto pela personagem Salie, demonstram que essas consequências causam uma espécie de preocupação na autora, levando em consideração os pontos destacados anteriormente, visto que ela também é migrante. Dessa forma, a obra aproxima-se da autobiografia, pois, ainda de acordo com Duarte (2017, p. 65-66):

A natureza autobiográfica do romance, mesclado de elementos ficcionais, faculta uma certa liberdade que a personagem Salie utiliza para exportar seu meio-irmão Madické, contra o que assistimos nas palavras de pessoas que sonham com a migração ou, em situação mais radical, contra o discurso do *homem de Barbès*, senegalês que se divide entre a França e Niodior, vivendo duas situações absolutamente opostas, que ele teima em obscurecer.

Já em *Kétala*, publicado em 2006, após o estrondoso sucesso do seu romance de estreia, Fatou Diome apresenta a trajetória de Mémoire, protagonista da obra, já morta, mas que tem toda sua vida contada pelos móveis, objetos, utensílios e demais elementos que fizeram parte da vida da personagem. É através da “tristeza dos móveis” que Diome toca em temas que já foram abordados em seu romance anterior, como a questão do ato migratório e as consequências deste, porém a personagem, diferente de Salie, retorna ao Senegal e passa a ser traída pelo seu marido. Mémoire, ao descobrir que a mulher em questão, trata-se de Tamara, sua melhor amiga, passa a sofrer e, com isso, os móveis, utensílios e demais objetos que pertenciam à personagem passam a relatar sua história de vida, inclusive como conseguiu estudar em uma sociedade em que a preferência, na grande maioria das vezes, é dada aos homens. Eles fazem isso

enquanto estão juntos, revelando a grande mulher que foi a Mémoria, enquanto não ocorre o Kétala – tradição senegalesa que se assemelha a partilha de bens, divisão de propriedades deixadas por alguém. Afinal, “quando uma pessoa morre, ninguém cuida da tristeza dos seus móveis” (Diome, 2008, p. 272).

Em seus segundos romances, Mariama Bâ e Fatou Diome distanciam-se da autobiografia e passam a se basear em experiências e/ou tradições locais para construir os enredos de suas obras. Tanto em *Un chant écarlate* quanto em *Kétala*, assim como os livros de estreia de ambas as autoras, a temática da Educação não é o centro da narrativa, mas, ao apontarem essa questão em suas obras, as “escritoras-personagens” contribuem para que um direito das mulheres seja, de fato, posto em prática, como o caso de Mariama Bâ que, segundo Fatime Samb, passou, a partir de 1968, a envolver-se diretamente em lutas a favor das causas femininas, como o combate à poligamia, a defesa dos direitos igualitários entre homens e mulheres, bem como uma educação que também privilegiasse as meninas (Samb, 2017, p. 95).

Fatou Diome também valoriza o trabalho do professor, sendo este aspecto muito presente em ambos os romances de sua autoria aqui citados. Próximos ou não das próprias experiências vividas pela autora, Duarte (2017, p. 69) destaca que ao narrar as vivências tanto de Salie quanto de Mémoria, Fatou Diome “mescla o texto de comentários que se podem atribuir à autora ou à personagem criada por ela”. Nesse sentido, ao perpassar pela temática da educação, a autora contribui para que o estereótipo da “mulher educada para o lar” seja quebrado, evidenciado que ela, assim como ocorreu com Mariama Bâ, possam usufruir de uma educação que liberte, engaje, empodere e, principalmente, promova a transformação de meninas e mulheres no Senegal (ou na África como um todo) ou daquelas que se encontram em um contexto de diáspora.

São os escritos dessas “escritoras-personagens” que trazem uma discussão necessária para se engajar na luta por uma sociedade mais igualitária e na defesa dos Direitos Humanos em África. Percebe-se, portanto, que, além da literatura, a participação de Mariama Bâ e Fatou Diome, socialmente falando, foi/é de uma significância essencial para a mudança e as conquistas femininas na sociedade tradicional e moderna senegalesa.

Considerações Finais

Depreende-se, a partir do exposto, que as autoras Mariama Bâ e Fatou Diome assumem um papel significativo no que tange ao acesso das mulheres à escola. Ao lutarem por uma educação que as permitisse adentrar um espaço, até então, proibido, elas expõem a condição imposta ao público feminino, dissecando as agruras que esse público passara para estar em contato com um modelo educacional que

não as direcionasse aos espaços estereotipados e reservados às mulheres, tais como o lar, os filhos, o marido e o respeito às tradições. Com isso, percebe-se que, ao utilizarem suas obras como um meio de denunciar o pouco acesso ao ambiente escolar, Mariama Bâ, em um primeiro momento, assume um papel de suma importância, faz com que ela, ao problematizar em que lugar estavam as mulheres no Senegal de sua época, transgrida e lute para que outras iguais tenham acesso aos mesmos direitos que ela teve.

Mais contemporânea e seguindo o modelo escolar colonizador, Fatou Diome denuncia que, para além dos muros da escola, há questões em torno do racismo, questionando e mostrando como, nesse país mais “modernizado”, ainda permanecia um ambiente hostil em relação ao feminino, evidenciando que as questões de raça e gênero caminham em concomitância no que se refere aos direitos das mulheres.

Por fim, destaque-se que, além das escritoras senegalesas aqui citadas e trabalhadas, bem como as citadas e que fazem parte da atual e crescente safra de escritoras africanas, a produção literária de autoria feminina age como um fio propulsor para atuar como um meio de denúncia da condição das mulheres nos países em que vivem ou no contexto de diáspora em que se encontram. É através dessa escrita que se percebe como que a voz delas ressoa e se faz ouvir: põem-se como narradoras de suas vivências ou, como se pode apontar a partir das obras de Mariama Bâ e Fatou Diome descritas ao longo desse estudo, são essas “escritoras-personagens” o principal meio de se conhecer os anseios pelos quais lutam e, na maioria das vezes, conquistam. Tornam os sonhos – e de muitas outras – realidade.

Referências

BÂ, Mariama. **Un chant écarlate**. Dakar: NEAS, 1981.

BÂ, Mariama. **Une si longue lettre**. Dakar: NEAS, 1979.

BORDIEU, Pierre; PASSERON Jean-Claude. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Tradução de Reynaldo Bairão. Revisão de Pedro Benjamin Garcia e Ana Maria Baeta. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

DIOME, Fatou. **Kétala**. Tradução de Rita Bueno Maia. Lisboa: Europress, 2008. (Coleção Raízes Africanas).

DIOME, Fatou. **O Ventre do Atlântico**. Tradução de Carlos Correia Monteiro de Oliveira. Lisboa: Bizâncio, 2004.

DIOME, Fatou. **O Ventre do Atlântico**. Tradução de Regina Célia Domingues da Silva. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

DUARTE, Vera. Dar a volta por cima. *In*: DUARTE, Vera. **A palavra e os dias**: crônicas. Belo Horizonte: Nandyala, 2013. p. 59-61.

DUARTE, Zuleide. Dizibilidades africanas: palavra de mulher. *In*: DUARTE, Zuleide. **Outras Áfricas**: elementos para uma literatura da África. Recife: Editora Massangana, 2011. p. 77-83.

DUARTE, Zuleide. O exílio como destino. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 63-73, jan./jun. 2017.

HOOKS, bell. Pedagogia e compromisso político: um comentário. *In*: HOOKS, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista; pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019. p. 207-217.

KILOMBA, Grada. Quem pode falar? Falando do Centro, Descolonizando o Conhecimento. *In*: KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 47-69.

MOI, Izabela. **A terra prometida**: livro de autora franco-senegalesa se debruça sobre narrativas de imigrantes que buscam uma vida melhor na Europa. 2019. Disponível em: <https://www.quatrocincom.com.br/br/resenhas/l/a-terra-prometida>. Acesso em: 29 dez. 2022.

SAMB, Fatime. Entre religião e poligamia: uma leitura a partir do romance *Une si longue lettre*, de Mariama Bâ. *In*: GOMES, Patrícia Godinho; FURTADO, Cláudio Alves (org.). **Encontros e desencontros de lá e de cá do Atlântico**: mulheres africanas e afro-brasileiras em perspectiva de gênero. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 89-111.

SPIVAK, Gyatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

YOUSAFZAI, Malala; LAMB, Christina. **Eu sou Malala**: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibá. Tradução de Caroline Chang, Denise Bottman, George Schlesinger e Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Rodrigo Nunes de Souza. Doutorando em Letras (Estudos Africanos e Afro-brasileiros) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Linguagem & Ensino (Estudos Literários) pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Vanessa Neves Rimbau Pinheiro. Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, coordena o Grupo GeÁfricas na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde atua como Professora Associada na graduação e na pós-graduação.